

EXPOSIÇÃO DE
PINTURA

Texto Inês Ferreira - Fotografia Digireport

O abstraccionismo e textura na obra de José Moreira

O pintor com curriculum nacional e internacional estreou-se na SRNOM, com mais de sessenta obras expostas no bar e corredores do Centro de Cultura e Congressos. Uma exposição “em grande”, como é seu hábito, onde deu a conhecer as várias técnicas e materiais que domina.

“O começo de um bom ano de 2016” foi como José Carlos Salgado Moreira descreveu a sua exposição de pintura na SRNOM, aquando da sua inauguração, no dia 8 de janeiro. O pintor, sedado na zona de Cascais e cujas obras se encontram presentes em diversas coleções particulares e institucionais, estreou-se na Casa do Médico, embora já tenha exposto várias vezes no Porto, e em muitas outras cidades, um pouco por todo o país e até mesmo no estrangeiro, como é o caso da Jacob Javits Convention e Artexpo, em Nova Iorque.

José Moreira pinta desde os dez anos, sendo que nos últimos vinte se dedicou à pintura por inteiro. “A pintura faz parte integral da minha vida, é o meu único trabalho, faço exposições na Europa inteira, e desenvolvo o meu trabalho através de várias técnicas”, explicou. Para as mostras que faz tenta demonstrar componentes completamente diferentes: “Cada exposição minha parece de três ou quatro artistas, domino umas seis ou sete técnicas de pintura (...) e arrisco”. Por ser “um homem muito viajado” e conhecer o mundo inteiro, efectuando paragens em ateliers de vários artistas, considera que com “a aprendizagem dos outros também nós vamos aprendendo e desenvolvendo novas técnicas”. Para esta exposição na SRNOM trouxe 67 obras, pois geralmente só faz “exposições em grande”, que lhe permitam “mostrar um bocadinho de todo o trabalho e das várias técnicas” que utiliza. Aqui incluem-

se “quadros pintados em latão” com uma “laca especial” que importa. “Funciono muito na base dos óleos, de esmalte e com texturas, que vão desde a fibra de vidro e acrílicos até aos mais diversos materiais”, acrescentou.

Também os formatos são dispares e subordinados ao estado de alma do pintor, sejam rectangulares, quadrados, circulares, ou até mesmo candeeiros e cadeiras. O que é constante é o estilo que segue: o abstraccionismo. “Eu só pinto em termos abstractos. Tenho um ou dois quadros figurativos” nesta exposição, “mas têm sempre uma parte de abstracto, não é o figurativo normal, como alguns pintores utilizam”, expôs. O pintor também recebe no seu atelier, na Quinta dos Caniços, em Tires, outros artistas e dá a conhecer os seus métodos de trabalho: “Não me importo nada de mostrar aquilo que faço e como faço, nunca ninguém é nada se não tiver, no seu íntimo, vontade e criatividade”, defendeu. No mesmo local, onde também vive, tem ainda a sua galeria privada, onde recebe os clientes, que têm forte implicação nos preços que pratica. “A minha

clientela é que me foi dando o *feedback* para fazer as minhas cotações”, esclareceu. “Hoje em dia os preços são compatíveis com o valor de mercado, com cotações” que são “dadas geralmente pelos leilões”, aprofundou. No entanto, revelou José Moreira, e também devido à crise, muitas obras passaram a ser vendidas abaixo do valor de mercado, com nefastas implicações: “Neste momento há leilões a começar em um euro por uma obra de arte. Pode-se correr o risco de a vender por um euro, que nem sequer paga um pincel do artista”, concretizou. ■

